

Entrevista para a revista Dr. Jornal: Lições de vida para pais de educadores¹

1. Como se processa a formação da personalidade no indivíduo? Há na Psicologia diferentes posições teórico-conceituais sobre a personalidade. Entendo que é o conjunto de comportamentos e sentimentos que uma pessoa desenvolveu durante sua vida, como resultado da interação de um intrincado conjunto de influências genéticas, de história de vida passada e de determinantes da vida atual do indivíduo. É importante entender que *o indivíduo não nasce com uma personalidade pré-moldada*, basicamente estável, que o acompanharia pela vida e à qual se poderia atribuir a função de causa essencial de seus atos, quer os considerados adequados, quer os considerados impróprios. A visão que atribui à personalidade a propriedade de originar as ações humanas é alienante e desloca a análise da conduta das pessoas de seus reais determinantes: todas as suas vivências no decorrer de sua história de vida pessoal e sócio-cultural.
2. Que padrões de personalidade existem?
Tantos padrões quantas forem as diferentes histórias de interação de um indivíduo com seu meio afetivo, social, cultural, bem como sua história genética. Não há duas pessoas com o mesmo conjunto de comportamentos, nem com a mesma sensibilidade afetiva, simplesmente porque não existem duas histórias de vida idênticas. Nem mesmo irmãos gêmeos univitelinos, criados por uma mesma família, têm histórias iguais. A crença de que os pais criam seus filhos da mesma maneira é mito. *Os determinantes das condutas humanas são extremamente sutis*. É por essa razão que, muitas vezes, nos surpreendemos ao nos depararmos com filhos-problema provenientes de famílias aparentemente bem estruturadas. Na verdade, os pais podem não apresentar padrões comportamentais claramente destrutivos (não são alcoólatras, não espancam os filhos etc.), mas cometem erros sistemáticos na educação dos filhos. O fato de tais erros serem sutis não os torna pouco significativos. A mesma frase de um pai ou de uma mãe, digamos, “Você está pronto para sair?”, pode ser para um filho uma simples pergunta, para outro uma crítica: “Você *ainda* não está pronto?” O que faz a diferença? Cada criança teve uma história de relacionamento particular com seu ambiente físico-social. Mesmo que os pais quisessem proporcionar idênticas condições e experiências, isso é impossível. A vida é um processo que não se repete, avança. Os próprios pais não são os mesmos nas sucessivas interações com os filhos.
3. É possível detectar na infância alterações inadequadas de comportamento que o indivíduo vai ter, algum padrão anti-social na adolescência?
O padrão de conduta que um indivíduo vai apresentar na sua vida adulta começa desde seu nascimento (quem sabe desde sua concepção). Por outro lado, novas experiências

¹ Guilhardi, H. J. (2000). Lições de vida para pais e educadores. *Dr. Jornal em Revista*, 17, pp. 5-8.

sucedem-se a todo momento e vão interagindo com as vivências anteriores, dando novos rumos ao desenvolvimento da pessoa. Desta maneira, quanto mais ricas e variadas forem as experiências de vida do indivíduo, mais amplo e abrangente será seu repertório comportamental, o que o habilitará a lidar mais adequadamente com os dissabores e dificuldades da vida. Embora não se possa prever especificamente o que fará numa situação adversa, pode-se prever que terá capacidade para variar seus comportamentos até encontrar uma saída adequada para si e não destrutiva para a sociedade. Por outro lado, se o conjunto de vivências durante seu desenvolvimento for razoavelmente sistemático (famílias muito metódicas, rígidas), constante, mais restrito será seu repertório comportamental e menos alternativas encontrará para lidar com situações adversas. É mais fácil prever quais serão suas reações que, por apresentarem variabilidade restrita, fornecerão menos opções para enfrentar o novo. Seus padrões comportamentais terão maior probabilidade de serem nocivos para si e para a sociedade (embora nunca se possa ter certeza sobre as reações humanas, uma vez que elas são *multi-determinadas*, por uma complexa rede de interações...). É possível detectar padrões inadequados e preocupantes em crianças, que sinalizam futuros problemas para elas próprias e para a sociedade. Tais padrões justificariam uma intervenção psicoterapêutica. E, quanto mais cedo for a intervenção, maior a probabilidade de sucesso. Por outro lado, há situações em que os distúrbios de conduta ainda incipientes são pouco evidentes e passam despercebidos pelos pais, professores, familiares. O efeito cumulativo de tais distúrbios, porém, pode vir a ser desastroso. Frequentemente, uma reconstituição retrospectiva é capaz de indicar que “alguma coisa” já estava germinando desde muito cedo. Há um caminho para detectar os sinais comportamentais precursores de problemas: interação próxima entre pais e filhos, observação atenta e perspicaz, convivência contínua, laços afetivos fortes. Estes são instrumentos extremamente precisos e úteis para prever o que vai ocorrer com uma pessoa.

4. Que sinais devem chamar a atenção de pais e educadores para essa possibilidade?
Negativismo, oposição sistemática a regras, baixa resistência às frustrações (o indivíduo se irrita, se torna agressivo quando contrariado), pouca disciplina pessoal, falta de iniciativa para cooperar espontaneamente, falta de amigos, interesses pouco diversificados, dificuldade de concentração, pouca disposição ao diálogo, repertório verbal pobre, desinteresse por esportes, isolamento, baixa participação nas atividades familiares. Essas características não devem ser analisadas isoladamente, mas dentro do contexto de vida da pessoa. Além disso, tem que se levar em conta o grau ou intensidade desses sinais.
5. O que eles devem fazer; que encaminhamento deve ser dado para o caso? Isso pode ser tratado e revertido?
A sociedade deveria se voltar para preocupações preventivas em relação ao desenvolvimento dos padrões comportamentais dos seus membros. A prevenção é o melhor – e quase sempre o único – antídoto. As tentativas de atuar corretivamente, quando os problemas já estão instalados e hiper dimensionados, são muitas vezes frustrantes. A Psiquiatria e a Psicologia dispõem de recursos terapêuticos poderosos, mas nem sempre tão poderosos quanto os agentes produtores dos problemas. Acrescente-se que os tratamentos psicológicos pressupõem a adesão da pessoa ao

processo terapêutico e muitas vezes a problemática do indivíduo é detectada e definida pelas pessoas que convivem com ele (seus comportamentos são aversivos para a comunidade que o cerca), mas ele próprio não concorda que tenha um problema... Neste caso, o indivíduo não participa ativamente do processo terapêutico e o tratamento falha. Quando a terapia é iniciada mais cedo, as perspectivas são melhores, pois as crianças apresentam menos contracontrole e resistência ao trabalho. Paralelamente, os pais devem ser envolvidos ativamente no processo terapêutico, uma vez que, se seu papel foi crítico na instalação dos problemas, também será poderoso para solucionar as dificuldades.

6. A criança convive com a violência no seu dia, através da TV, videogames. O quanto isso influencia no comportamento?

Essa convivência banaliza a violência, o crime, o desrespeito ao próximo e, de certa forma, aumenta a probabilidade de o espectador vir a se engajar em padrões de comportamento semelhantes aos observados nos filmes, videogames etc. No entanto, o ponto mais crítico e essencial não é o acesso a esses modelos de desrespeito humano. Há dois pontos mais fundamentais: o ambiente familiar e a dinâmica da sociedade. Uma criança que não é amada, que não tem a presença dos pais para lhes dar *modelos alternativos reais saudáveis* àquilo a que assiste na TV, filmes etc., é uma presa fácil dessas influências. Uma criança que tem um lar estruturado, bons modelos de interação e cooperação entre os familiares, carinho (não confundir com acúmulo de itens materiais), acesso fácil a pai e mãe etc. tem facilidade em discriminar entre o que vê nos filmes e a *sua realidade*. Da mesma maneira, uma sociedade conivente com a corrupção, com o crime, com o desrespeito às regras, com a impunidade, que dá pouca atenção a educação, saúde, emprego, lazer etc. contribui fortemente para a deterioração moral de seus membros. Os noticiários na TV e os jornais trazem, freqüentemente, influências mais nefastas que os próprios filmes e videogames... O que se pode esperar de uma sociedade onde a fantasia e a realidade se mesclam com tamanha intimidade?

7. Pais e educadores se queixam com freqüência de que os adolescentes não têm limites, são agressivos, não respeitam regras em casa, nem na escola, têm atitudes que assustam. Como analisa isso?

Essa é, infelizmente, uma constatação. Os pais, mal orientados na sua maioria, vêm confundindo liberdade (que é saudável, necessária, construtiva) com ausência de limites (que é extremamente pernicioso). A combinação equilibrada entre liberdade e limite é o ponto a ser almejado. Fala-se que restrições inibem a espontaneidade, a criatividade, o bem estar emocional. Errado. As restrições na forma de castigos, proibições, “cara feia” etc. são prejudiciais se forem exageradas, assistemáticas e não contingentes a comportamentos considerados inadequados. Se os pais punem seu filho em função de seu próprio estado de humor, sem relação com o que os filhos efetivamente estão fazendo, ou se exageram na dose, ou se são imprevisíveis (diante do mesmo padrão comportamental ora punem, ora não), a criança fica ansiosa, insegura e se retrai para uma “timidez patológica” ou se torna agressiva, mentirosa. As restrições sistemáticas e equilibradas dão à criança senso de limites, de responsabilidade, a consciência de que a vida é dura, difícil e que exige dela esforços. Este nível de restrições não inibe a espontaneidade nem a criatividade. Todos os gênios da

humanidade, nas diferentes áreas da arte, da ciência (pensem em Michelangelo pintando o teto da Capela Sistina), eram extremamente dedicados no seu trabalho, o que não se consegue sem disciplina, esforço e até algum grau de sofrimento físico. Tais características não atrapalharam, pelo contrário, viabilizaram suas extraordinárias criatividades. Reconhecer que a vida é difícil e exige muito de uma pessoa, a fortalece emocionalmente e ela não se desespera, nem se incapacita diante das durezas da adversidade. A tendência da educação moderna é superproteger a criança, expô-la a um mundo irreal onde o acesso às coisas é fácil, imediato, quase sem restrições. Não deveria causar espanto constatar, então, que, mais velha, a criança veja o mundo como um provedor de prazeres, benefícios, privilégios e, em relação ao qual, ela nada precisa oferecer. Quando algo lhe é negado, ou solicitado, ela agride e exige, sem avaliar quão descabida é sua reivindicação e desproporcional seu método de exigência. Não só o abandono, também o excesso de atenção prejudica.

8. A adolescência é uma fase de grande alteração hormonal, época em que o indivíduo mostra sua personalidade. Alguns problemas de ordem comportamental podem ser desencadeados nessa fase?

Sem dúvida as alterações orgânicas influenciam os padrões de comportamento do jovem, mas não os determinam diretamente. Pode-se dizer que alteram a disposição da pessoa para se engajar em determinadas ações. O que se pode observar é uma intensificação em padrões, de modo geral já presentes no repertório comportamental do indivíduo. Não se deve falar em mudança de personalidade, mas em mudanças de intensidade, alterações nos parâmetros das condutas. Ao mesmo tempo, as relações sociais se alteram. Espera-se do adolescente o engajamento em novos papéis de interação no meio social. Esses novos papéis, principalmente aqueles ligados às áreas sexual e afetiva, à maior independência do seio familiar, à tomada de iniciativas e à experimentação do novo, são fortemente incentivadas pela comunidade. Assim, as mudanças comportamentais do jovem não têm como fonte exclusiva as alterações metabólicas, mas são fruto da interação de novos determinantes biológicos e sociais, que atuam sobre uma efervescente dinâmica de reações motoras, afetivas, psicológicas que o adolescente traz como fruto de sua história de vida. Se não houver mudanças drásticas no contexto de vida (morte de um ente querido, alterações bruscas nas condições materiais, doenças etc.), as mudanças no adolescente não chegam a caracterizar uma novidade surpreendente, nem repentina. Representam sim uma evolução esperada e desejável em direção ao seu desenvolvimento pleno. A adolescência não é uma fase da vida a ser temida; pelo contrário, deve ser esperada e acolhida.

9. Em relação a trotes violentos e outras manifestações tomadas em grupo, o que faz um indivíduo participar, mesmo quando ele não tem esse potencial agressivo?

A pressão do grupo é um determinante extremamente importante da conduta das pessoas. É comum os indivíduos atuarem para atender às expectativas do outro, mesmo quando essa atuação contraria desejos íntimos. Mensagens de socialização incutidas desde os primeiros anos tornam a pessoa propensa a antecipar e a corresponder àquilo que acredita que sejam os desejos do outro. “Seja bonzinho”, “respeite os mais velhos”, “não magoe os outros” etc. são frases que, quando não são adequadamente

contextualizadas, tornam a pessoa submissa ao outro e seus comportamentos são determinados pelas opiniões e desejos destes. Seriam mais adequadas mensagens como: “procure cooperar, porém deixe claro o que pensa e o que prefere fazer”, “nem sempre o outro tem razão”, “a expressão dos seus desejos e sentimentos, de forma genuína, não fere uma pessoa madura” etc. Há dois conceitos básicos para compreender o processo observado na questão: auto-estima e autoconfiança. A auto-estima se desenvolve a partir de uma história de vida em que a criança se sente genuinamente amada, reconhecida como importante pelos que a cercam. Isso ocorre basicamente quando a criança é elogiada, aprovada, recebe carinho. Se essas manifestações de afeto, porém, só são expressas quando a criança se “comporta bem” (do ponto de vista dos pais), ela não se sente, necessariamente, amada, uma vez que “paga” o carinho recebido com seus “bons” comportamentos. Pior, aprende que deve se comportar como o *outro* espera que ela se comporte para ser valorizada. Sua auto-estima torna-se baixa e sua tendência é à submissão. A autoconfiança se desenvolve a partir de uma história de vida em que a criança tem sucesso com seu desempenho. Adquire, assim, consciência de que é capaz de realizar tarefas, assumir responsabilidades etc. Os pais podem favorecer o desenvolvimento da autoconfiança propiciando situações em que o filho possa fazer coisas por si mesmo, estimulando sua iniciativa. Para aumentar as chances de sucesso, eles devem organizar as tarefas a serem executadas pela criança em níveis crescentes, progressivos de dificuldades, a fim de maximizar a probabilidade de sucesso. Uma criança com bom nível de auto-estima e de autoconfiança é segura, afetiva, assume responsabilidade pelos seus atos, é cooperativa, se compromete com a realidade, enfrenta desafios. É comportamental e afetivamente madura. Tem uma forte tendência a liderar construtivamente e não a ser liderada de forma alienada.

10. Muitos pais deixam para a escola a correção de padrões de comportamento e, sozinha, a escola não está conseguindo isso, os professores estão assustados. Os limites apenas na escola não são suficientes?

A escola sozinha não tem a menor chance de orientar seus “alunos-problema”. A relação com o professor pode se tornar mais uma situação em que o aluno testa seu poder de dizer “não” e avalia as consequências de sua oposição. Em geral, a escola não dispõe de mecanismos eficazes para consequenciar adequadamente o desrespeito do aluno. Este, bem como os demais que observam a situação, constata que a impunidade é a regra. É fácil relacionar a impotência da escola com outros segmentos da sociedade em que a impunidade é despudorada e até valorizada. A saída é a integração básica entre família e escola: ambas devem ter critérios comuns de avaliação e procedimentos comuns para consequenciar os atos dos alunos. Se a escola considera um comportamento abusivo e os pais o avaliam como evidência de inteligência, esperteza do filho... Se a escola resolve punir um ato do estudante e os pais consideram a medida arbitrária e desmedida... Além disso, a sociedade como um todo precisa rever seus valores. Enquanto enganar o outro, levar vantagem, humilhar o mais fraco, competir, forem comportamentos valorizados, as unidades funcionais menores da sociedade (família, escola) terão poucas chances de se impor. Acrescente-se ainda a imagem ruim (às vezes real) que a sociedade tem do papel da escola. A instituição escolar é considerada incapaz de preparar adequadamente o aluno, terminar um curso superior

não garante emprego satisfatório, as mensalidades são caras, o currículo está ultrapassado, os professores estão desmotivados e intimidados. Não há porque o aluno respeitá-la como instituição, nem respeitar quem nela trabalha, incluindo os mestres. Qual o lugar da Educação entre as prioridades do governo?

11. Existe um caminho para mudar o quadro?

O caminho confiável é o da prevenção. Os pais precisam ser orientados sobre a maneira de lidar com seus filhos; eles precisam conhecer a fundo o processo do desenvolvimento infantil. Boas intenções não bastam para educar adequadamente um filho. Sensibilidade afetiva e conhecimento formam uma boa combinação. Basicamente uma criança precisa aprender a ter disciplina, a lidar com frustrações, a assumir responsabilidade pelos seus atos, a lidar com a verdade (toda mentira é uma distorção da realidade e nesse sentido uma “micro-alucinação”), a ser capaz de se colocar na posição do outro e “captar” seus sentimentos e necessidades, a cooperar aprendendo a se sentir gratificado pela satisfação do outro. Precisa ainda aprender a receber e dar afeto e a usar o diálogo como instrumento de conscientização de seus defeitos e qualidades. Há necessidade de se sentir amado, único caminho para desenvolver autoestima, e de se sentir protegido na exploração do mundo, requisito para desenvolver autoconfiança. A criança deve ser cuidada pelos pais, já que o amor é o elemento fundamental e insubstituível para um desenvolvimento saudável. E a função de amar não pode, em hipótese alguma, ser delegada. Se os pais não podem assumir *diretamente* a função de cuidar dos seus filhos, devem repensar a disposição de concebê-los. Cuidar do desenvolvimento dos filhos é atividade fundamental, não passatempo. A prevenção envolve também alteração nas prioridades políticas. Educação, saúde, lazer, esporte, oportunidades para trabalhar e vivenciar a própria vocação são alguns dos aspectos fundamentais para o apropriado desenvolvimento do ser humano. Enquanto não forem enfatizados, a família estará desamparada e impotente para cumprir satisfatoriamente seu papel. Conclui-se que o desenvolvimento saudável do ser humano envolve a integração de vários níveis de cuidados. É necessário considerar os fatores orgânico, social, cultural, econômico, político etc. O psicológico é apenas um desses níveis. E quando a prevenção falhou? Há necessidade de intervenções terapêuticas “arbitrárias”: psicoterapia, uso de medicação, orientação para os pais, terapia familiar e, em casos extremos, até internação. São todos procedimentos intrusos no cotidiano das pessoas, de eficácia limitada, embora não se negue que tragam contribuições apesar das suas limitações. Fique claro, porém, que a ação terapêutica confirma o fracasso da ação preventiva. O que é uma lástima. Nem todos os seres humanos são sensíveis, porém, às práticas terapêuticas. Há desvios de conduta que revelam que a pessoa não compartilha dos valores morais e éticos do seu grupo social e, como tal, é insensível às práticas terapêuticas conhecidas. Casos extremos de privação afetiva e de isolamento social nas etapas básicas do desenvolvimento do indivíduo produzem “entidades” (não homens) que são genotipicamente seres humanos, mas que não desenvolveram, e quase certamente não mais virão a desenvolver, características íntimas fundamentalmente humanas. Faltam-lhes valores morais, não possuem um código de ética existencial, não têm respeito pelo outro, nem pela vida, e são incapazes de se enternecer e de amar. São feras com espectro de homem. Tristemente produzidas pelo próprio homem e pela sociedade.

12. Existe alguma receita para mudar o relacionamento entre pais e filhos dentro de casa, que resulte em adolescentes mais saudáveis do ponto de vista comportamental? do comportamento?

Os pais precisam conhecer melhor os processos de desenvolvimento do ser humano, como salientei acima. As escolas, igrejas, entidades comunitárias, cursos de preparação de noivos etc. deveriam ser alertados sobre a relevância e a possibilidade de promoverem cursos de orientação de pais. Mas cursos que efetivamente se voltem para uma preparação prática, não só conceitual. É claro que esses encontros revelariam pessoas momentaneamente despreparadas para terem filhos e sobre isso deveriam ser orientadas. Como disse Eva, a personagem central do filme *Sonata de Outono* (de Bergman): “há pessoas que deveriam ser impedidas de ter filhos” (tamanho o mal que lhes vêm a causar). Eu diria que impedi-las seria um exagero, mas conscientizá-las, sem dúvida, de suas limitações e de como poderão vir (se possível) a superá-las... *Antes* de ter um filho. A receita básica é conseguir desenvolver um vínculo afetivo forte. Quando nos sentimos amados e amamos, somos capazes de ouvir uma crítica sem defesas rígidas, aceitamos uma mudança de rumo sem resistência, participamos abertamente do diálogo que gera influências recíprocas. Se não há amor entre os que dialogam, as palavras se tornam espadas agudas das quais há que se defender e contra atacar. O vínculo afetivo, porém, não se estabelece repentinamente. É resultado de um longo e consistente processo de interação, que melhor se define quanto mais cedo se inicia. Quando a relação é de amor, ela suporta equívocos de critérios, de valores, de dominância (desde que não sejam exagerados)... Para um profissional da Psicologia, o melhor indicativo do sucesso de um tratamento é identificar se seu cliente foi (ou é) amado genuinamente. Porém, há que se lembrar que amor envolve sentimento e ação em relação ao outro. Amor é um *sentimento que se mostra* e que tem como critério de prioridade a *pessoa amada* (e não a pessoa que ama).

13. Como agir efetivamente com nossos filhos, como melhorar a comunicação?

O filho é um produto dos pais e do mundo. Como tal, não repete os pais, vai além e é único. Para bem conhecer seu filho, os pais têm que observá-lo, estar ao seu lado, ouvi-lo e vê-lo, sem intervenção, para melhor captá-lo. Os filhos não deveriam repetir os pais, mas ampliá-los. Nossa intervenção deve ser diretiva no início do seu desenvolvimento a fim de mostrar-lhes os limites para sua segurança e dos que os cercam. Uma vez adquirido um padrão de conduta e de valores básicos (e isso varia de acordo com a família e a comunidade), então, a diretividade deve ir se esvanecendo gradualmente para que o indivíduo consiga ele próprio passar a ser um agente ativo de sua vida. O destino não está pré-determinado: é constituído ativamente a cada ato da pessoa. Nós atuamos no mundo e assim o transformamos; mas, nossas ações também são influenciadas pelas transformações que produzimos. Essa interação de influências recíprocas em que sou *sujeito de transformações* do meu ambiente (físico, social e psicológico) e, ao mesmo tempo, *objeto transformado* pelo mundo sobre qual atuei, é que dá ao homem a privilegiada posição de se tornar um ser consciente que constrói sua existência.

14. O futuro pode sinalizar com a necessidade de um treinamento especial para pais de adolescentes, como forma de tentar melhorar os relacionamentos e atitudes do indivíduo diante da sociedade?

Essa necessidade já existe. Ou seja, o futuro já chegou. Pena que poucos tenham consciência disso e atribuam a conceitos alienantes, tais como “personalidade”, “força de vontade”, “livre arbítrio”, a função de produzir a melhora das pessoas. Esses conceitos desviam a atenção dos verdadeiros determinantes dos comportamentos humanos: seu arsenal genético, sua história de vida e sua relação atual com o mundo físico, social e cultural. Enquanto se buscar dentro dos indivíduos as causas primárias dos seus comportamentos, a compreensão do ser humano não evoluirá satisfatoriamente. É o mundo que cerca a pessoa que precisa ser melhorado pelas nossas ações. Esse mundo inclui o ambiente físico, as pessoas, a sociedade, a cultura. Quando ocorrerem progressos significativos nesses componentes da nossa existência, o homem viverá melhor e se sentirá mais feliz.

15. Existe algum atalho que facilite o entendimento entre as gerações? Por que a maioria dos pais não entende comportamento que já vivenciou quando era mais jovem?

Os pais conseguem acompanhar e influenciar o desenvolvimento dos seus filhos até certa etapa. Isso é desejável e fundamental. Mas, o filho não deve restringir suas experiências de vida àquilo que os pais lhes oferecem. A uniformidade numa cultura determinaria o seu fim. Há necessidade da diversidade. Os filhos, ao experimentarem vivências próprias, se diferenciam dos seus pais e geram variabilidade, tão necessária para a evolução da comunidade humana. A partir de um estágio de desenvolvimento do filho, os pais – por não terem vivido as mesmas experiências dos filhos – não estão mais habilitados a propor-lhes regras de conduta válidas. A sociedade evolui a partir da evolução dos seus membros e os pais não estão completamente preparados para conduzir os filhos além de determinados níveis. Nem todas as variações são benéficas para a sociedade ou para o indivíduo. Caberá à sociedade e ao indivíduo (não aos pais em particular) selecionar quais padrões de comportamentos devem ser preservados (para benefício do indivíduo e da cultura) e quais devem ser eliminados.

16. Alguns dizem que as crises mais bravas de relacionamento passam com a idade. É verdade ou mito?

Não há mudanças pela inércia. A mera passagem do tempo não muda comportamento. O que muda comportamento é a percepção das conseqüências desse comportamento. Quanto mais consciente um indivíduo, mais perspicaz ele é para observar as conseqüências (se desejáveis ou não) do seu ato. Consequentemente, mais apto ele estará para manter ou alterar determinado padrão de conduta. Paralelamente, a flexibilidade (característica oposta à rigidez) comportamental faz com que o indivíduo seja capaz, ao avaliar as conseqüências do seu comportamento, de alterar rapidamente seus comportamentos e testar novas possibilidades. Perspicácia para observar as conseqüências dos comportamentos e flexibilidade para testar novas alternativas comportamentais compõem a interação necessária para as mudanças.